

BID vê Brasil sem perspectivas

Washington — “Problemas sérios continuam escurecendo as perspectivas do Brasil a curto prazo”, apesar do êxito das autoridades brasileiras nas negociações para conseguir empréstimos de emergência do Fundo Monetário Internacional (FMI) e para concluir acordos com os bancos credores particulares, disse ontem um relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O BID atribui as dificuldades brasileiras à apreensão a respeito de sua dívida externa provocada “por acontecimentos alheios, como o conflito no Atlântico Sul (entre a Argentina e a Grã-Bretanha) e, particularmente, pela crise da dívida do México”, há um ano. Essa apreensão se traduziu na retração do crédito internacional, que constituía a base do acelerado processo de desenvolvimento do Brasil, e forçou o País a esgotar todos os seus recursos financeiros, inclusive a colocação de seu lastro monetário em ouro no mercado, na tentativa de estabilizar a situação”.

O relatório do BID sobre o progresso econômico e social diz que os esforços do Brasil não visam apenas a enfrentar os problemas imediatos causados por sua dívida externa de

mais de 83,3 bilhões de dólares, mas também a criar “uma base sólida para uma renovada expansão econômica em meados da década de 90”.

Apesar disso, acrescenta o relatório “há sérios problemas que continuam escurecendo as perspectivas do Brasil a curto prazo, apesar de o País ter concluído as negociações com o FMI e ter realizado com êxito a maioria dos acordos financeiros com os bancos estrangeiros”.

O relatório afirma que uma das principais dúvidas que ainda pairam é sobre a capacidade do Brasil de conseguir em 1983 o superávit comercial de seis bilhões de dólares, que é fundamental para seu programa, mediante o aumento das exportações e uma substancial redução de 31,1 por cento das importações, inclusive a de petróleo.

As estatísticas do comércio internacional do Brasil até fevereiro “não foram satisfatórias”, segundo o BID, devido a persistência da recessão internacional.

Mas os dados relativos aos três meses seguintes, que supõem um superávit médio de 424 milhões de dólares durante os cinco primeiros meses deste ano, são alentadores.

O BID acredita que o Produto Interno Bruto brasileiro, que estacio-

nou em 1982, depois de um espetacular aumento de 7,9 por cento dois anos antes, continuará deprimido em 1983, podendo talvez sofrer até uma diminuição. Mas “as perspectivas a prazo mais longo são mais promissoras, principalmente se começar uma recuperação econômica nos países desenvolvidos e se as taxas de juros e os preços do petróleo continuarem declinando”.

Esse mesmo prognóstico do BID é feito com relação à América Latina. Para o banco, as nações da região não terão uma recuperação notável em 1983, apesar dos dolorosos ajustes que tiveram que fazer em suas cambaleantes economias, provocados primordialmente por suas volumosas dívidas externas e pela queda de suas exportações.

Um dos fatores essenciais do prognóstico é a incerteza sobre a profundidade e amplitude de recuperação econômica, que começou a se registrar nos países industriais, dos quais dependem comercial e financeiramente, as nações latino-americanas.

O informe do BID ressalta que a América Latina entrou, em 1983, no terceiro ano de grave recessão, após um período de mais de 15 anos de enorme expansão econômica.